

# Cuba sugere cessar de imediato o pagamento

por Cecília Costa  
de São Paulo

O Brasil e os demais países latino-americanos devem suspender imediatamente o pagamento da dívida externa, por tratar-se de um compromisso imoral, aético, e que, além do mais, como demonstram simulações feitas em computador, é mesmo impagável. Essa foi a posição defendida ontem durante o painel "Contexto Político do Confronto entre Devedores e Credores", da Conferência Internacional sobre Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, pelo representante de Cuba, Miguel Alfonso Martínez.

Martínez comentou que se Cuba pode muito bem sobreviver rompendo as relações com os países capitalistas, após a revolução (há 27 anos, portanto), três ou quatro grandes países latino-americanos que se unissem em torno da proposta de suspensão do pagamento da dívida também poderiam, obviamente, sobreviver.

Lembrou que os compromissos com o mundo socialista são reescalados de forma muito mais branda e que a crise da dívida no Ocidente tem por detrás de si uma ordem econômica que fará com que os devedores sejam devedores eternamente. Para isso, contribuem as relações de

troca, com a deterioração dos preços das mercadorias vendidas pelos países em desenvolvimento, que representou nos últimos anos para a América Latina uma perda de US\$ 40 bilhões.

Assim como o representante de Cuba, Marcos Alvarez García, do Chile, e Beinusz Szmukler, da Argentina, também defenderam a moratória unilateral e a maior integração entre devedores, em resposta à união dos credores. Para o argentino, no entanto, infelizmente "moratória é uma palavra que dá calafrios, apesar de ter sido muito praticada por países industrializados". Uma das cláusulas dos acordos em vigor que tornam os países em desenvolvimento incapazes de honrar seus compromissos, observou, são as taxas flutuantes de juros, que os deixam à mercê dos banqueiros internacionais, "já que são eles quem as fixam, tendo como base seus próprios interesses".

De certa forma, a reação dos brasileiros presentes ao debate — Fernando Henrique Cardoso e Luiz Carlos Bresser Pereira — foi uma decepção para esses conferencistas, porque demonstrou mais uma vez que o Brasil fala uma linguagem diferente e ainda pretende negociar, não estando disposto a declarar moratória unilateral.